

ARTIGOS

PAISAGENS DERIVADAS: IMIGRANTES AFRICANOS E OS NOVOS ARRANJOS DA ECONOMIA URBANA EM LONDRES

*Kauê Lopes dos Santos**

*Universidade Estadual de Campinas, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campinas, SP, Brasil

Resumo

A consolidação da presença de imigrantes africanos na Europa Ocidental desde as últimas décadas do século XX tem contribuído para a criação de “paisagens derivadas” nas grandes cidades do continente. Por meio de formas particulares de trabalho e consumo desses imigrantes, verificam-se novos arranjos na economia urbana europeia, os quais demandam interpretações à luz da contemporaneidade. Este artigo analisa a organização das atividades comerciais do Ridley Road Market, situado no bairro de Hackney, em Londres, onde a maioria dos trabalhadores é originária da África Ocidental e do norte da África. A investigação se baseia na teoria dos circuitos da economia urbana, proposta por Milton Santos nos anos 1970, e utiliza as variáveis definidas por essa abordagem para identificar e interpretar os novos arranjos econômicos urbanos no período da globalização.

Palavras-chave

Paisagem Urbana; Economia Urbana; Migrações e Refugiados; Teoria dos Circuitos da Economia Urbana; Londres.

ARTICLES

DERIVED LANDSCAPES: AFRICAN IMMIGRANTS AND THE NEW ARRANGEMENTS OF THE URBAN ECONOMY IN LONDON

*Kauê Lopes dos Santos**

*Universidade Estadual de Campinas, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campinas, SP, Brazil

Abstract

The consolidation of the presence of African immigrants in Western Europe since the late 20th century has contributed to the creation of “derived landscapes” in the continent’s major cities. Through the ways these immigrants engage in work and consumption, new arrangements in the European urban economy emerge, which require contemporary interpretation. This article analyzes the organization of commercial activities at Ridley Road Market, located in the London borough of Hackney, where most workers are from west and north Africa. The investigation is grounded on the theory of the circuits of the urban economy, proposed by Milton Santos in the 1970s, and employs the variables defined by this framework to identify and interpret the new urban economic arrangements in the context of globalization.

Keywords

Urban Landscape; Urban Economy; Migrations and Refugees; Theory of the Circuits of the Urban Economy; London.

PAISAGENS DERIVADAS: IMIGRANTES AFRICANOS E OS NOVOS ARRANJOS DA ECONOMIA URBANA EM LONDRES

Kauê Lopes dos Santos

Introdução

Nascida em 1976 na pequena cidade de Navrongo, localizada no norte de Gana, Awusi migrou para o Reino Unido aos vinte anos de idade, tendo se estabelecido no bairro de Hackney, em Londres, onde vive com a família desde então. Há aproximadamente uma década, ela trabalha no Ridley Road Market, um mercado de rua situado a apenas cinco quadras de sua casa. Ejo, sua única filha, a auxilia em diversas tarefas do dia a dia, como na compra, no transporte, no armazenamento e na comercialização de mercadorias.

De segunda a sábado, das nove da manhã às cinco da tarde, mãe e filha compartilham um estreito espaço atrás de uma larga tábua de madeira sobre a qual organizam, cuidadosamente, uma grande variedade de produtos: garrafas de óleo de palma; chá de gengibre e mel; latas de sardinha e de molho de tomate; peixes secos; pacotes de egussi, arroz, feijão, milho e macarrão instantâneo; e pacotes dos mais diversos tipos de temperos em pó, como pimenta *suya*, gengibre, cúrcuma e alho.

Em uma quarta-feira de setembro de 2020, por volta das onze horas da manhã, Awusi estava sentada em uma cadeira de plástico, abanando-se com um leque improvisado de papelão, tentando aliviar o calor. Enquanto isso, dava instruções à filha, que, de pé, espanava uma pilha de pacotes de macarrão. Vestidas com longos trajes estampados, ambas mantinham um semblante sério e trocavam entre si apenas as palavras necessárias. Assim que Ejo terminou sua tarefa, Awusi se levantou e começou a anunciar, em voz alta, os preços de seus produtos, falando um inglês

com marcado sotaque do oeste africano. Alguns minutos depois, ela interrompeu a atividade e iniciou uma conversa com a comerciante da barraca vizinha – de aproximadamente 50 anos e que tinha um sotaque similar ao seu –, que vendia cosméticos feitos com manteiga de carité. Nesse ínterim, Ejo se sentou na cadeira e, alheia ao movimento no mercado, concentrou o olhar em seu telefone celular.

Naquele dia, o Ridley Road Market já operava em plena capacidade desde as dez horas da manhã. Dezenas de barracas se distribuía por toda a rua, oferecendo uma ampla variedade de produtos que, em sua maioria, eram de origem africana. Alguns estabelecimentos se especializavam em alimentos processados, como aqueles vendidos por Awusi, enquanto outros se especializavam em alimentos frescos, como frutas, verduras e carnes. Havia ainda barracas dedicadas à venda de tecidos, roupas, calçados, bolsas, bijuterias, perucas, cosméticos, discos e DVDs. Em número menor, havia algumas barracas que comercializavam comidas prontas – como o *arroz jollof*, prato típico da culinária nigeriana – e aquelas que prestavam serviços diversos, como barbearias e cabeleireiros.

Próximas umas às outras, as barracas se alinhavam de modo a formar dois amplos corredores principais por onde circulavam os consumidores. Estruturadas por hastes de ferro e madeira, elas eram cobertas por lonas verdes que protegiam as mercadorias e os comerciantes das intempéries londrinas. Bandeiras de países africanos – Nigéria, Gana, Senegal, Camarões, Serra Leoa, Tanzânia, Marrocos e Tunísia – frequentemente adornavam suas estruturas, indicando a origem dos vendedores e de suas mercadorias.

À materialidade no mercado se somavam os dinamismos das relações de trabalho e consumo que nele se estabeleciam: a todo momento, os comerciantes anunciavam a qualidade de suas mercadorias. Sentados ou em pé, eles também negociavam preços com a clientela, chamando, inclusive, alguns consumidores pelo nome. Com certa frequência, organizavam suas bancadas, repunham o estoque, ajustavam as placas de preços, conversavam com os colegas e amigos comerciantes e descansavam quando o movimento diminuía.

O Ridley Road Market em muito se assemelha aos principais mercados de rua da África Ocidental, como o Kejetia Market, em Kumasi (Gana), o Balogun Market, em Lagos (Nigéria) ou o Marché Dantokpa, em Cotonou (Benim). Seja pela disposição e pelas características das barracas na rua, pelos tipos de mercadorias que são vendidas ou mesmo pelas formas como são comercializadas, o que se observa nesse mercado é uma coalescência de aspectos que configuram, em alguma medida, uma espécie de “paisagem derivada” africana em uma das principais metrópoles do continente europeu.

O termo “paisagem derivada” não foi aqui empregado como uma formulação intuitiva. Na realidade, ele foi cunhado pelo geógrafo francês Maximilien Sorre em seu livro *L’homme sur la terre: traité de géographie humaine*, publicado no início da década de 1960, com o objetivo de auxiliar na interpretação das formas como os europeus replicavam padrões arquitetônicos e urbanísticos da morfologia urbana de suas colônias (Sorre, 1961). Ainda que o conceito tenha uma aderência particular ao contexto espaço-temporal de sua formulação, ele carrega em si um princípio passível de generalização: o princípio de que determinada população estrangeira – imigrante – seria capaz de operar transformações nas cidades a partir de referenciais próprios, criando, assim, paisagens derivadas.

Evidentemente, nem todos os imigrantes têm as mesmas condições políticas de transformar as cidades que os recebem; conseqüentemente, o potencial de criação de paisagens derivadas deve ser entendido como variável, posto que é também inevitável. Apontando no sentido de uma inevitabilidade da transformação das cidades pela presença de populações estrangeiras, o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, em sua obra *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, explica que “[...] os imigrantes, ao introduzirem seus próprios mundos sociais, criam novas formas de interação e convivência, transformando continuamente a sociedade em que se inserem” (Sayad, 1998, p. 45). Considerando especificamente a dimensão econômica da sociedade, o autor garante que “[...] a presença dos imigrantes em setores específicos da economia é fundamental não só para a manutenção desses setores, mas também para a introdução de novas práticas e dinâmicas laborais” (Sayad, 1998, p. 102).

Localizado na área mais movimentada do bairro de Hackney – nas proximidades da estação de trem Dalston Kingsland –, o Ridley Road Market é um dos mais importantes mercados de rua da cidade, um espaço onde os imigrantes de origem africana trabalham e consomem. Sua presença e funcionamento em plena capital inglesa fazem surgir alguns questionamentos, como: em que medida o Ridley Road Market pode ser entendido como uma “paisagem derivada”? Como o seu meio construído se caracteriza? E como se dão, nesse meio construído, as dinâmicas de trabalho e consumo? A quais atividades econômicas da cidade os comerciantes desse espaço estão relacionados?

Diante desse conjunto de questões, este artigo tem o objetivo de analisar a organização do Ridley Road Market, considerando as principais características de seu meio construído e as principais dinâmicas de trabalho e consumo que nele se desenvolvem. Para tanto, partiu-se da hipótese de que esse mercado é constituído por um conjunto de aspectos que o assemelha aos principais mercados de rua de cidades africanas, especialmente da região ocidental do continente.

O presente texto está organizado em cinco seções. Após esta introdução (seção 1), será apresentada uma revisão da literatura (seção 2) com alguns importantes estudos que se dedicaram a investigar – sob diferentes perspectivas disciplinares – os mercados organizados por imigrantes africanos em cidades europeias nas últimas décadas. Em seguida, a metodologia (seção 3) explicará e justificará as etapas da investigação realizada para levar, então, aos Resultados (seção 4), que serão apresentados em três subitens. Por fim, as considerações finais (seção 5) sintetizarão os resultados da pesquisa, apresentarão suas limitações e apontarão possíveis caminhos para investigações futuras.

1. Revisão da literatura

Desde a década de 1990, os estudos sobre os mercados de rua organizados por imigrantes de origem africana em Londres são realizados, com maior regularidade, nos campos da economia, da sociologia e da antropologia urbana. Em termos gerais, constituiu-se uma tradição investigativa de caráter exploratório acerca dos mais variados aspectos desses mercados, de modo que boa parte das análises realizadas visam compreender questões referentes à natureza empreendedora dos imigrantes (Ekwulugo, 2006; Baycan-Levent; Nijkamp, 2005; Nwankwo, 2005; Cook; Ekwulugo; Fallon, 2003); à articulação dos mercados de rua com redes de comércio intercontinental (Leblang, 2011; Kitching; Smallbone, 2009); e à relação dos comerciantes com o poder público (Kershen, 1997; Nwankwo; Akunuri; Madichie, 2010). Em maior ou menor medida, todos os estudos abordam a questão da difusão da economia informal (Nwankwo, 2005; Ojo, 2012) no universo das relações de trabalho em que os comerciantes africanos de Londres estão inseridos.

Em um debate mais amplo sobre a difusão da informalidade em Londres, frequentemente associada ao aumento da população de imigrantes na cidade, a socióloga holandesa Saskia Sassen faz importantes apontamentos em sua obra *The Global City: New York, London, Tokyo*, publicada no início da década de 1990. No capítulo 9, a autora se dedica a uma reflexão também exploratória sobre a formação e a expansão dos mercados de trabalho informais em países e regiões do centro do sistema capitalista, como o Reino Unido, entendendo esse processo como resultado das condições criadas pelo capitalismo avançado (Sassen, 1991), que se origina no final do século XX em função da articulação de novos conteúdos técnicos (produtos da Revolução Informacional) e políticos (produtos da ideologia neoliberal).

Assim, é de se notar que a autora refuta a tese frequente de que seriam os imigrantes os responsáveis pela ampliação do trabalho informal em Londres. Ao seu ver, as grandes comunidades de imigrantes originárias de países em desenvolvimento devem ser analisadas como “mediadoras no processo de informalização,

em vez de diretamente geradoras dele” (Sassen, 1991, p. 282, tradução do autor). Em outras palavras, Sassen confere centralidade à demanda que o próprio capitalismo avançado gera pelo trabalho informal, já que este reduz os custos de produção dentro do sistema.

Ao investigar a expansão da informalidade em uma das maiores cidades europeias no período da globalização, Sassen revela aspectos importantes de como vem se construindo o avanço do neoliberalismo e, portanto, da precarização das relações de produção nos países do Norte. Outros autores, como Jane Jacobs, na obra *Edge of Empire: Postcolonialism and the City* (1996), e Paul Stoller, na obra *Money Has no Smell: The Africanization of New York City* (2002), também são fundamentais para que se possa compreender como vem ocorrendo, em termos legais, a inserção dos imigrantes africanos – bem como a dos imigrantes asiáticos e latino-americanos – no mercado de trabalho dos países do Norte. Nesses estudos, o binômio formalidade-informalidade se mostrou uma variável importante para a análise da economia urbana contemporânea.

Contudo, embora seja uma variável capaz de dimensionar as condições de inserção normativa dos trabalhadores – e de suas atividades – na economia de determinado país, entende-se que a condição de formalidade ou informalidade não é suficiente para dimensionar a complexidade e o dinamismo de mercados de rua como o de Ridley Road. Nesse sentido, mobiliza-se uma teoria que oferece um conjunto de conteúdos conceituais e históricos capazes de orientar investigações sobre a economia urbana, considerando seus múltiplos aspectos, para além de sua condição de inserção normativa na economia da cidade.

Na obra *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, publicada originalmente na década de 1970, Milton Santos desenvolve uma teoria capaz de abarcar não apenas as complexas formas de organização das atividades econômicas nas cidades, mas também a multiplicidade de interações que elas estabelecem. Na formulação original, Santos constrói a tese de que a economia urbana estaria organizada em dois circuitos distintos, embora dialeticamente complementares. Esses circuitos responderiam às necessidades de trabalho e consumo dos moradores da cidade e estabeleceriam diversos tipos de relação nos espaços urbanos, sendo denominados o circuito superior e o circuito inferior (Santos, 2004). As atividades que integram esses dois circuitos se diferenciam, fundamentalmente, em função de seus graus de capital, tecnologia e organização (Santos, 2004; Silveira, 2022).

Embora o período histórico no qual a teoria em questão tenha sido formulada seja distinto do atual, diversos geógrafos da América Latina vêm revelando, no início do século XXI, o vigor interpretativo dos circuitos da economia urbana

diante das complexidades e particularidades das cidades dos países do Sul. Nesse trabalho de atualização da teoria, devem ser mencionadas as investigações conduzidas pela geógrafa argentina María Laura Silveira: atenta à centralidade das técnicas, da ciência e da informação na organização do espaço geográfico em tempos de globalização, Silveira revela novas e complexas relações entre os dois circuitos, especialmente em cidades brasileiras e argentinas (Silveira, 2004; 2015; 2022). Reflexões acerca da teoria em questão dentro da história do pensamento geográfico também foram conduzidas pelos geógrafos brasileiros Eliseu Sposito (1983; 2023) e Marina Montenegro (2012). Outros geógrafos vêm contribuindo com esse trabalho de atualização da teoria em questão, utilizando-a para estruturar suas análises sobre o dinamismo das atividades industriais e de serviços diversos (Bicudo Jr., 2006; Vanucchi, 2009; Iamonti, 2009; Antipon, 2017).

Nos últimos anos, alguns geógrafos vêm demonstrando de forma bem-sucedida a possibilidade de aplicar a teoria dos circuitos da economia urbana em cidades europeias, como o brasileiro Cristiano Alves, em suas investigações sobre as atividades econômicas que estruturam o *rap* em Paris (Alves, 2016), e os espanhóis Lluís Frago, Alejandro Morcuende e David Lloberas, ao estudarem as atividades comerciais varejistas em Barcelona (Frago; Morcuende; Lloberas, 2024).

É importante ressaltar, contudo, que este artigo não possui uma finalidade taxonômica como *télos* na análise do mercado em questão. Em outras palavras, a investigação realizada não objetiva classificar as atividades comerciais do Ridley Road Market como integrantes de um circuito inferior ou de um circuito superior. Na realidade, a teoria dos circuitos da economia urbana foi mobilizada como um partido de método, como será mais bem explicado na próxima seção.

2. Metodologia

Haja vista o objetivo de analisar a organização do Ridley Road Market, a teoria dos circuitos da economia urbana foi mobilizada como o partido de método. Em outras palavras, a construção das etapas de investigação da pesquisa aqui apresentada foi orientada por um conjunto de conteúdos históricos e conceituais articulados por Milton Santos (2004), bem como pelos exercícios de atualização dessa teoria a partir das pesquisas desenvolvidas por María Laura Silveira (2015; 2022). Nesse conjunto de conteúdos, destacam-se, em especial, a compreensão da modernização tecnológica como fator de reestruturação da economia urbana; a identificação do conjunto de variáveis que caracterizam as atividades econômicas das cidades; a análise de como determinada atividade da economia urbana se relaciona com outras; e a delimitação dos segmentos populacionais que interagem com essas atividades por meio do consumo (Santos, 2004; Silveira, 2015).

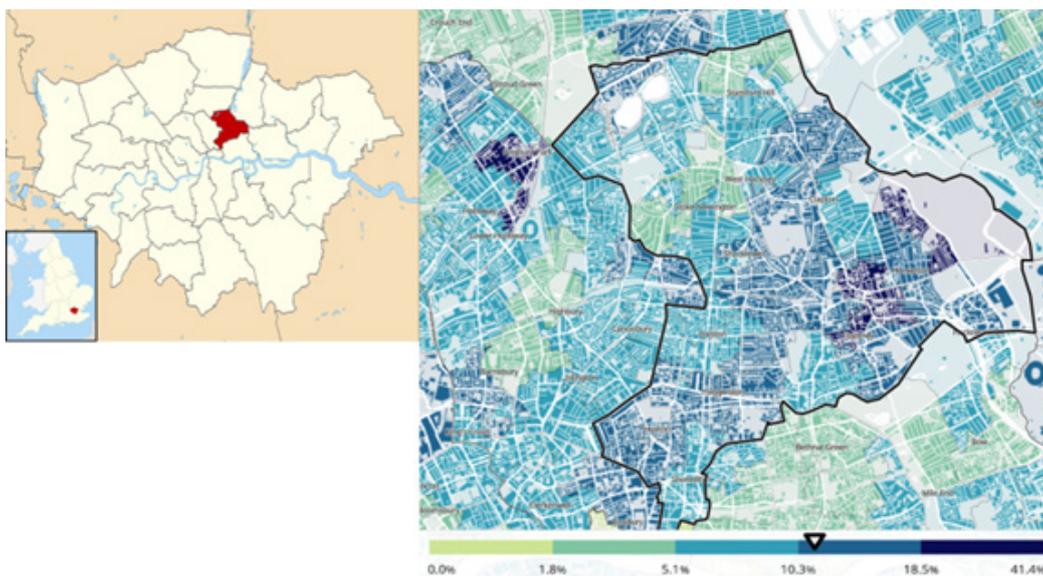
Buscou-se, por meio de uma abordagem exploratória, estruturar metodologicamente a investigação como um estudo de caso único (*single-case study*) (Gerring, 2004) do Ridley Road Market. Os dados qualitativos e quantitativos que foram coletados, sistematizados e analisados na pesquisa foram obtidos em fontes primárias e secundárias. No âmbito das fontes primárias, foram realizados trabalhos de campo no mercado ao longo do ano de 2020: nos meses de janeiro, fevereiro e março, período que antecedeu a pandemia de covid-19, foram realizadas trinta entrevistas com questões abertas, sendo dez delas com comerciantes (todos africanos) e vinte com consumidores (50% africanos e 50% europeus); nos meses de setembro e outubro, quando a cidade já havia flexibilizado as regras de isolamento social, foram realizados registros fotográficos e etnográficos em forma de descrição densa (Geertz, 1973). Já no âmbito das fontes secundárias, foram realizadas consultas em artigos, livros, sites governamentais, anuários estatísticos e matérias de jornal que atentassem à presença de imigrantes africanos em Londres, além de às formas como se organizam os mercados de rua onde eles trabalham e consomem.

3. Resultados

3.1. Imigração africana e a modernização como motor da organização espacial

Os dados do censo demográfico de 2021 no Reino Unido revelaram que 573 mil imigrantes africanos residiam em Londres, de um total de 977 mil em toda a Inglaterra (Reino Unido, 2024). Na capital do país, os bairros que apresentam os maiores contingentes populacionais de imigrantes são Southwark, com 47,4 mil moradores de origem africana; Newham, com 37,8 mil; Lambeth, com 35,1 mil; e Lewisham, com 32 mil (Reino Unido, 2024).

Em Hackney, a população de imigrantes africanos totaliza 27,9 mil pessoas, correspondendo a 11,4% dos moradores do distrito. Esse percentual reflete um aumento na concentração desse grupo nas últimas décadas, considerando que, em 1991, esse número era de apenas 6,7% (Reino Unido, 2024). Os imigrantes que vivem em Hackney são originários principalmente da Nigéria, de Gana, da República Democrática do Congo, do Senegal, de Serra Leoa e de Uganda (Hackney, 2024) e estão distribuídos por diferentes áreas do bairro, conforme ilustrado no Mapa 1.



Mapa 1. Croqui cartográfico que mostra a distribuição da população africana em Hackney, Londres, Reino Unido

Fonte: Reino Unido, 2024.

A presença de imigrantes – não apenas de origem africana – é inconteste nas paisagens do bairro: atravessando Hackney de norte a sul pela Kingsland Road – uma das principais avenidas do leste de Londres, com mais de dois quilômetros de extensão –, observa-se a presença de restaurantes, mercearias, bazares, mini-mercados e salões de beleza de diversas comunidades de imigrantes, como turca, indiana, paquistanesa, chinesa, etíope, cubana, jamaicana, colombiana, búlgara, nigeriana e ganesa, sendo que alguns dos estabelecimentos são identificados em seus letreiros como “africanos” ou mesmo “afro-caribenhos”.

Os registros das primeiras comunidades de imigrantes em Hackney remontam ao século XVII, quando ocorreu a chegada de grupos de origem francesa. No século XX, o bairro se tornou lar de diversas comunidades imigrantes: judeus *haredi* (de diferentes partes da Europa) na década de 1920; cipriotas na década de 1930; irlandeses entre as décadas de 1940 e 1950; sul-asiáticos (provenientes da Índia, de Bangladesh e do Paquistão) entre as décadas de 1950 e 1960; caribenhos (de Antígua, Jamaica, Santa Lúcia e República Dominicana) entre as décadas de 1960 e 1970; vietnamitas na década de 1970; e turcos entre as décadas de 1970 e 1980. As populações africanas, por sua vez, são uma presença mais recente, tendo se intensificado nas décadas de 1980 e 1990 (Hackney, 2024).

Dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UN-Desa, na sigla em inglês) revelam que a população de africanos vivendo no continente europeu cresceu 511% entre 1960 e 2010, saltando de 1,8 milhão para 11

milhões de pessoas (UN-Desa, [s.d.]). A dinâmica econômica recessiva que assolou os países africanos nos anos 1980 e 1990 figura como um dos principais motivos que justificam a intensificação do fluxo em questão. Longe de ser uma dinâmica exclusiva entre África e Europa, o que se observou na conjuntura de globalização foi a intensificação dos fluxos migratórios entre países do Sul e aqueles do Norte, conforme já apontado por autores como Sassen (1988; 1999), Castells (1996), Sayad (1998), Bauman (1998), Massey et al. (1998) e Santos (2000).

Abdelmalek Sayad destacou os diversos tipos de impactos desses fluxos do Sul nos países europeus: no âmbito cultural, as comunidades de imigrantes passaram a desafiar algumas noções tradicionais de identidade nacional, forçando os países receptores a lidar com a alteridade e renegociar definições de pertencimento; no âmbito econômico, verificou-se a absorção significativa de imigrantes no mercado de trabalho, especialmente em atividades de menor remuneração, temporárias e frequentemente informais; no âmbito político, fortemente vinculado aos impactos produzidos na cultura e na economia, a maior presença de imigrantes desde o final do século XX foi usada como argumento central para o ressurgimento de movimentos nacionalistas e ultranacionalistas, pautados por perspectivas xenofóbicas e racistas (Sayad, 1998).

Ao abordar a relação entre migrações e organização do espaço, Milton Santos parte da premissa de que o fenômeno migratório deve ser analisado a partir de uma perspectiva sistêmica. Para o autor, o fenômeno em questão é uma “expressão espacial dos mecanismos de modernização” (Santos, 2004, p. 302). Nesse sentido, a modernização, explica Santos, deve ser entendida como um sistema caracterizado por “um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social, política e moral” (Santos, 2004, p. 31), o qual, por possuir uma duração determinada, está associado a períodos específicos. Desse modo, em tempos de globalização, pode-se considerar que a modernização do período resulta da articulação entre as inovações tecnológicas da Revolução Informacional (a Terceira Revolução Industrial) e a doutrina neoliberal (Santos, 2000). Essa articulação intensificou, de forma seletiva, os fluxos materiais e imateriais, gerando mais uma rodada de aprofundamento da Divisão Internacional do Trabalho (Mamigonian, 2001).

Ao ocorrerem de forma sucessiva, as modernizações também redefinem as divisões territoriais do trabalho. Atenta aos impactos dessas transformações nos espaços urbanos e em suas economias, María Laura Silveira ressalta dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, a necessidade de se considerar, em qualquer análise, a economia política do território, justamente para historicizar os processos que transformam as forças produtivas e as relações de produção dos países, considerando seus conteúdos particulares; em segundo lugar, a necessidade de

compreender o papel das múltiplas variáveis – sejam elas novas ou antigas – na organização das economias urbanas em cada período (Silveira, 2015).

Essa reconfiguração da divisão territorial do trabalho pela globalização pode ser percebida em países como a Inglaterra. O aumento da presença de imigrantes na capital inglesa deve ser analisado, conforme ensina Santos, de forma sistêmica (Santos, 2004), ou seja, como produto de um período em que os arranjos entre técnica e política levaram, por um lado, ao aprofundamento das crises econômicas nos países africanos e, por outro, ao enfraquecimento do Estado de bem-estar social nos países europeus. Em outras palavras, sob a égide do neoliberalismo, o capitalismo avançado criou as condições para intensificar os fluxos migratórios oriundos do continente africano ao mesmo tempo que fomentou a precarização das relações de trabalho na Europa, sobretudo em função do aumento de empregos temporários e informais, como ocorreu em Londres já na década de 1980 (Sassen, 1991).

Desse modo, cabem os seguintes questionamentos: em que medida o Ridley Road Market pode ser entendido como uma manifestação de uma nova divisão territorial do trabalho organizada pela modernização contemporânea? Em que medida a presença dos imigrantes africanos em Hackney é capaz de criar arranjos na economia urbana londrina – por meio de dinâmicas particulares de trabalho e consumo – e, simultaneamente, criar paisagens derivadas?

3.2. O mercado e o seu meio construído

A Ridley Road é uma rua com cerca de 300 metros de extensão que conecta a Kingsland Road à Dalston Lane. Ela é ocupada por edificações térreas ou sobrados de dois andares, construídos em estilos arquitetônicos variados, que vão do vitoriano (do século XIX) ao modernismo (de meados do século XX). Atualmente, essas construções são inteiramente destinadas ao uso comercial, abrigando minimercados, bazares, açougues, lojas de tecidos e roupas, barbearias, salões de cabeleireiro e depósitos.

O pavimento térreo desses estabelecimentos de comércio e serviços é completamente aberto para a rua, com letreiros que anunciam os nomes dos empreendimentos. O uso de portas metálicas de enrolar é amplamente difundido e torna-se mais evidente ao final da tarde, quando as lojas encerram suas atividades.

De segunda a sábado, das 9h às 17h, a rua é tomada por aproximadamente 200 barracas que compõem o Ridley Road Market. Elas possuem estruturas simples, feitas de metal ou madeira, cobertas por lona ou plástico para proteção contra o sol e a chuva. Geralmente compactas e adaptadas ao espaço limitado, algumas são desmontáveis e, ao final do dia, podem ser armazenadas em depósitos localizados na própria rua. Em termos gerais, pode-se observar que as barracas priorizam

a funcionalidade em vez da estética, de modo que os comerciantes buscam exibir seus produtos de forma acessível aos consumidores. Ainda assim, alguns deles utilizam lonas e cartazes coloridos como forma de chamar atenção para suas mercadorias, enquanto outros adaptam caixas, prateleiras ou mesas para expor seus produtos, reforçando uma aparência de espontaneidade no mercado.

A rua abriga o Ridley Road Market desde o final da década de 1880, quando possuía cerca de vinte barracas. Ao longo do século XX, o mercado cresceu e se diversificou, acompanhando as mudanças demográficas e culturais do bairro e da cidade. Hoje, ele é celebrado como um espaço de mercado cosmopolitismo. O site oficial de Hackney o descreve nos seguintes termos:

Em frente à estação de trem Dalston Kingsland e ao lado do Centro Comercial Kingsland, o Ridley Road Market é um dos [mercados] mais vibrantes do leste de Londres, oferecendo uma combinação única de sabores internacionais de todo o mundo [...]. Os visitantes do Ridley Road Market, situado no centro de Dalston, são recebidos com uma atmosfera calorosa e agradável, o som animado do *reggae* e a mistura natural de culturas. Além de servir frutas e legumes a gerações de famílias, o mercado também oferece uma vasta gama de bens domésticos. (Hackney, 2024, tradução do autor)

As barracas do mercado são especializadas em determinados tipos de produtos. Naquelas de alimentos frescos é possível encontrar uma grande variedade de frutas, legumes, tubérculos, cereais, nozes e temperos típicos de zonas tropicais e equatoriais, incluindo abacaxi, banana, maracujá, cana-de-açúcar, abacate, tomate, milho, pimentão, gengibre, cúrcuma, inhame, mandioca, sorgo, painço, feijão, semente de abóbora, castanha de caju, amendoim, fava de baunilha, cravo e diversas variedades de pimenta. Já nas de produtos processados, destacam-se molho de tomate e pimenta, temperos em tabletes, óleo de palma, temperos secos ensacados, chá, macarrão instantâneo e farinha *fufu* (mistura de farinha de banana-da-terra e inhame). Algumas barracas também vendem *amane*, um tradicional peixe defumado e seco, amplamente encontrado nos mercados de rua da África Ocidental. A Figura 1 ilustra a diversidade de produtos presentes em algumas dessas barracas.

As carnes, por sua vez, são vendidas nos açougues administrados principalmente por imigrantes do norte da África (como marroquinos, argelinos e tunisianos), que se localizam não nas barracas, mas sim em pequenas lojas na rua. Nesses estabelecimentos, o corte é feito a partir do método *halal*, que contempla os consumidores muçulmanos.



Figura 1. Alimentos comercializados em barracas do Ridley Road Market, Hackney, Londres, Reino Unido

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Muitos outros tipos de mercadoria são comercializados no Ridley Road Market. Existem os estabelecimentos que se dedicam à venda de sabonetes, xampus, cosméticos e maquiagens, sendo muitos deles produzidos no continente africano a partir de matérias-primas locais, como a manteiga de carité. Comercializam-se também joias e bijuterias, tecidos de padronagens africanas, roupas de todos os tipos, bolsas, chapéus e acessórios diversos, além de uma grande diversidade de calçados, como sandálias, sapatos e tênis. A Figura 2 mostra essa variedade de mercadorias.

Pode-se entender que o meio construído do mercado cria paisagens na capital inglesa, o que, em alguma medida, revela novos arranjos na divisão territorial do trabalho do país no contexto da globalização. Esses arranjos transmitem ao meio construído novos conteúdos, tanto materiais quanto simbólicos, ampliando sua complexidade.

Desse modo, as modernizações contemporâneas associadas à globalização não devem ser lidas apenas na sua capacidade de transformar o meio construído londrino por meio da construção de modernos arranha-céus, que, nas últimas décadas, passaram a abrigar grandes seguradoras, bancos e escritórios de advocacia em bairros como City of London, Canary Wharf e South Bank. Elas também se manifestam no surgimento ou na reconfiguração de espaços como o Ridley Road Market, nos quais os atores menos capitalizados da economia urbana de Londres desenvolvem dinâmicas particulares de trabalho e consumo.



Figura 2. Roupas (lado esquerdo) e joias e bijuterias (lado direito) comercializadas em barracas do Ridley Road Market, Hackney, Londres, Reino Unido

Fonte: Trabalho de campo, 2020.

3.3. O mercado e os seus dinamismos de trabalho e consumo

Por todos os pontos de elevada circulação de pessoas em Londres, é possível encontrar supermercados que integram as grandes redes de varejo do país. Dentre essas redes, destacam-se: Tesco, que possui 2,8 mil lojas em todo o Reino Unido; Co-op, com 2,5 mil lojas; Sainsbury's, com 1,4 mil lojas; Marks & Spencer, com 1,4 mil lojas; Iceland, com 900 lojas; Morrison, com 500 lojas; Waitrose, com 329 lojas; e Budgens, com 100 lojas. Especializadas na comercialização de alimentos frescos e processados, todas essas empresas se caracterizam por seu elevado grau de capitalização, de modo que algumas inclusive estão listadas na Bolsa de Valores de Londres (como a Tesco, a Sainsbury's e a Marks & Spencer).

Ao mesmo tempo que essas lojas não param de se multiplicar na capital inglesa, os mercados de rua, especialmente aqueles nos quais as populações de imigrantes trabalham e consomem, evidenciam a complexidade da divisão territorial do trabalho na Inglaterra no atual período. O meio construído – que também pode ser entendido como a materialidade, o trabalho morto – se revela em paisagens que precisam ser analisadas.

Desse modo, visando compreender os dinamismos do trabalho e do consumo no Ridley Road Market, bem como sua relação com o meio construído, pode-se

atentar ao conjunto de variáveis definidas por Milton Santos como fundamentais para analisar as atividades da economia urbana. São elas: (I) tecnologia; (II) organização; (III) capitais; (IV) emprego (volume de mão de obra necessária); (V) emprego (tipo de contrato); (VI) estoque; (VII) preços; (VIII) crédito; (IX) margem de lucro; (X) relação com a clientela; (XI) custos fixos; (XII) publicidade; (XIII) reutilização dos bens; (XIV) capital de reserva; (XV) ajuda governamental; e (XVI) dependência direta do exterior (Santos, 2004).

Ao estudar a organização da economia urbana em cidades de países latino-americanos no atual período da globalização, María Laura Silveira assegura que a centralidade atribuída às finanças e à informação foram capazes de rearranjar diversos conteúdos das atividades econômicas menos capitalizadas na cidade, especialmente no âmbito da ampliação do acesso ao crédito e da diversificação das formas de difusão publicitária (Silveira, 2015). Esse exercício de atualização é fundamental, justamente porque transporta a teoria para a contemporaneidade sem abandonar as variáveis fundamentais definidas por Santos.

No Ridley Road Market, essas variáveis se arranjam de formas particulares e devem ser analisadas considerando os necessários ajustes espaço-temporais, o que significa, neste caso, entendê-las dentro da formação socioespacial inglesa e dentro do período da globalização.

Tornar-se um comerciante no mercado em questão exige, em um primeiro momento, a obtenção de uma licença junto ao Hackney Council, órgão governamental local responsável pela administração do distrito. Uma vez concedida a licença, os comerciantes precisam pagar as chamadas taxas de licenciamento para operar as barracas no mercado. Essas taxas correspondem ao uso do espaço público e são cobradas em diárias, semanas ou em outros períodos específicos definidos pelo conselho local. O valor pago varia de acordo com o tamanho da barraca e a localização dela dentro no mercado (Hackney, 2024).

Além das taxas, os comerciantes entrevistados revelaram lidar com outros custos fixos (variável XI), como custos com infraestrutura e equipamentos (embora o mercado ofereça estruturas básicas, muitos comerciantes investem em melhorias para atrair clientes, como tendas personalizadas e sistemas de iluminação); despesas com energia e armazenamento (alguns comerciantes utilizam geradores portáteis para iluminação ou refrigeração, resultando em gastos com combustível e manutenção); seguros e licenças adicionais; e eventuais despesas com mão de obra (que podem atuar sob diferentes regimes de contratação).

Enquanto oito entrevistados explicitaram de forma categórica que consideram esses custos fixos excessivos, outros dois defenderam que os custos são coerentes com o nível de capitalização dos empreendimentos (variável III) e que, em

comparação com outras atividades de comércio varejista na cidade, são relativamente baixos. Um deles argumentou:

Com pouco dinheiro nós conseguimos nos estabelecer aqui. A gente paga as taxas... Eu acho o preço justo. Você já viu os preços que cobram dos supermercados? Eles [os supermercados] têm mais dinheiro e pagam mais, a gente tem menos dinheiro e paga menos... Isso é o que eu estou chamando de justo, você me entende? (Entrevistado 4: comerciante nigeriano de tecidos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Operando em condições de baixa capitalização, as reservas de *overhead capital* são pequenas (variável XIV), de modo que, na iminência de custos não previstos, os entrevistados asseguraram que conseguem se organizar financeiramente recorrendo ao lucro das vendas. A margem de lucro (variável IX), por sua vez, é alta por produto, haja vista que os comerciantes não possuem um volume elevado de mercadorias em estoque (variável VI).

A estocagem das barracas e dos produtos é feita nos galpões da própria rua. Em termos gerais, a gestão desses estoques no mercado é altamente adaptativa, variando conforme o tipo de mercadoria. Produtos perecíveis, como frutas e legumes, são adquiridos em pequenos volumes para evitar perdas, enquanto os não perecíveis, como alimentos processados, são frequentemente importados em contêineres. Uma comerciante explicou:

Os produtos frescos compramos diariamente, no New Covent Garden Market [mercado atacadista]. Já os processados, como óleo de palma e temperos diversos, chegam direto da Nigéria em remessas maiores que compramos com importadoras. (Entrevistada 10: comerciante serra-leonesa de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Essa logística é moldada tanto pela escassez de espaço quanto pelos baixos níveis de capitalização. A dependência de fornecedores transnacionais reflete uma conexão com redes econômicas globais (variável XVI). Os comerciantes entrevistados obtêm produtos africanos por meio de uma cadeia de suprimentos que envolve importadores especializados, distribuidores locais e, em alguns casos, importações diretas. Uma das empresas citadas por dois entrevistados é a Afro-Gêmeos: sediada em Portugal, ela importa e exporta produtos alimentares processados de origem africana, que chegam ao Reino Unido por vias marítimas ou aéreas.

Também como um aspecto diretamente ligado à baixa capitalização e às limitadas condições de estocagem, é comum a reutilização (e a manutenção constante)

de bens (variável XIII), de modo que muitas barracas possuem sinais de reparos em danos na estrutura (remendos nas lonas e nas hastes de madeira e metal), enquanto outras revelam adaptações (caixotes e pedaços de madeira que se transformam em prateleiras e caixas de fruta que se tornam bancos para os comerciantes).

No âmbito da tecnologia (variável I), pode-se entender que as atividades no mercado se caracterizam pelo uso de “trabalho intensivo”, trabalho esse que, em grande medida, reproduz os saberes técnicos – o *know-how* – das tradições comerciais dos países da África Ocidental, sendo, portanto, um saber exógeno, importado, revelando as premissas de Sayad sobre o universo de impactos que os imigrantes geram nas economias dos territórios onde se instalam (Sayad, 1998). O caráter intensivo desse trabalho se revela nos relatos dos comerciantes, que asseguram realizar longas jornadas de trabalho, geralmente superiores a 10 horas diárias. No cotidiano, esses trabalhadores utilizam instrumentos simples, que variam em função dos tipos de produto vendidos, como balanças manuais (para pesar alimentos frescos e sementes), prateleiras improvisadas com caixotes de madeira (para organização dos produtos) etc. Essa baixa incorporação de instrumentos também é, em certa medida, resultado dos baixos níveis de capitalização nos quais essas atividades operam. Como destacam duas entrevistadas:

Eu faço exatamente o que minha mãe fazia na cidade dela [Freetown, em Serra Leoa]. Acordo muito cedo e trabalho bastante, até tarde. No total deve dar... [começa a contar com as mãos] umas 10 ou 12 horas por dia. Faço de tudo aqui: pego as mercadorias e a barraca no depósito [fala apontando para o depósito], monto tudo com a minha irmã e... vendo. A gente vende até acabar o mercado, ou quando dá 5 horas da tarde. Depois guarda tudo no depósito. A gente vende com a voz... Isso cansa. É o dia todo falando. (Entrevistada 1: comerciante serra-leonesa de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

A maior parte do meu dia é montando e desmontando a barraca, pesando as frutas manualmente, ensacando e organizando o estoque. Não sei como fazer isso se não for manualmente, ainda mais porque meus alimentos são frescos. Eu gostaria de ter algo mais eficiente, mas não existe... E, se existir, deve ser caro. (Entrevistada 7: comerciante nigeriana de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Essa dinâmica de trabalho intensivo e fundamentalmente manual é comum entre empreendedores daquilo que a economista nigeriana Sanya Ojo denomina como “enclaves étnicos” presentes nas grandes cidades europeias (Ojo, 2012). A autora aponta para uma íntima relação entre o trabalho manual, pouco mecanizado, e a condição de informalidade, especialmente em atividades econômicas pouco

capitalizadas e que operam transnacionalmente, como os mercados de rua organizados por imigrantes. Outros autores, como Blankson e Omar (2002), explicam que as atividades econômicas centradas em práticas manuais dentro do contexto europeu refletem também o fato de que a população imigrante enfrenta uma maior restrição às possibilidades de obtenção de crédito, que poderia viabilizar a aquisição de instrumentos e, assim, a mecanização do trabalho.

O acesso ao crédito (variável VIII) é um dos principais desafios enfrentados pelos comerciantes no Ridley Road Market. Nenhum dos dez entrevistados fez uso de modalidades de crédito formal em seu negócio. Essa mesma dificuldade já havia sido assinalada por Ojo, quando explica que os pequenos empreendedores de origem nigeriana que atuavam em Londres explicitavam de forma recorrente a dificuldade na obtenção de empréstimos em função da informalidade de seus negócios ou da falta de conhecimento das instituições financeiras sobre a organização de atividades comerciais em pequena escala (Ojo, 2012). A fraca articulação entre os comerciantes do mercado e as empresas do sistema financeiro não é nenhuma novidade, haja vista que ela também predomina nos mercados das cidades africanas. Duas entrevistadas mencionaram que já pediram dinheiro adiantado para familiares, dado que revela práticas não institucionais de acesso ao capital:

Nunca consegui crédito no banco. Quando preciso de dinheiro, peço emprestado a amigos ou familiares. (Entrevistada 27: comerciante serra-leonesa de tecidos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Meu primo trabalha ali no açougue. Se eu precisar de dinheiro, ele me empresta. Se ele precisar de empréstimo, eu empresto. Já emprestamos dinheiro um para o outro muitas vezes, porque em família a gente faz essas coisas. (Entrevistada 15: comerciante senegalesa de roupas – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

As práticas não institucionais de acesso ao crédito por meio da articulação de familiares revelam mais um aspecto fundamental acerca dessas atividades econômicas: a sua organização (variável II). Ela se caracteriza por ser pouco burocratizada e bastante flexível. Esse aspecto relativo à organização da atividade pode ser explicado também pelos baixos volumes de contratação de mão de obra por estabelecimento (um ou dois funcionários, no máximo) (variável IV), sendo comum a priorização de familiares na seleção do empregado (variável V). Essa prática reforça redes solidárias e comunitárias, mas também limita o acesso a formas de trabalho mais estruturadas, o que perpetua a informalidade. Tal característica pode também ser entendida como uma manifestação do “empreendedorismo de sobrevivência” discutido por Ojo (2012), no qual as relações pessoais prevalecem em detrimento de práticas comerciais formalizadas. Dois entrevistados relatam:

Ficamos aqui eu e meu irmão e, às vezes, a minha mãe. Hoje ela está mais velha e acaba fazendo alguns trabalhos de casa mesmo. Hoje ela nem veio, ficou lá, organizando a casa e arrumando umas coisas de trabalho, cuidando da matemática da nossa lojinha ou arrumando o estoque. (Entrevistado 4: comerciante nigeriano de roupas – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Minha tia que faz os sabonetes de carité. Ela já os fazia há muito tempo e as minhas primas vendiam para algumas lojas da região. Mas daí ela decidiu vender ela mesma para os consumidores finais, e aqui estou eu, ajudando-a a vender. (Entrevistada 25: comerciante ganesa de produtos cosméticos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Assim, no que diz respeito às contratações de mão de obra realizadas pelos entrevistados, todos apontaram para a incorporação de membros da família em suas operações diárias, seja na venda de mercadorias propriamente dita, seja na compra de mercadorias com os fornecedores, seja no transporte desses produtos. Não foi possível coletar informações detalhadas sobre o nível de formalização dos contratos, sendo provável que alguns deles ocorram de maneira informal. Evidências de relatos de alguns comerciantes caminham nesse sentido, como o entrevistado 4, que trabalha com o irmão em uma barraca cuja licença foi emitida no nome da mãe, a qual, embora tenha trabalhado muitos anos no Ridley Road Market, atualmente comparece apenas de forma esporádica.

No âmbito da relação com o governo (variável XV), os vendedores entrevistados invariavelmente se queixaram de falta de apoio. Em contrapartida, o Hackney Council afirma ter investido no mercado para melhorar as condições de trabalho dos feirantes e a experiência dos visitantes. Em 2020, foram anunciados investimentos na ordem de £1,5 milhão para fornecer novas barracas, máquinas de cartão portáteis e Wi-Fi gratuito para os comerciantes, além de melhorias nos espaços públicos (Hackney, 2024). É interessante notar, contudo, como esses investimentos operam justamente no sentido de promover uma capilarização das finanças (Silveira, 2015) e da informação nessas atividades econômicas, inserindo, assim, novos conteúdos técnicos do período da globalização na atividade econômica em questão. Uma vendedora chegou até a expressar o seguinte:

Eles [o governo] não fazem muita coisa... São eficientes para coletar as taxas, mas para promover melhorias, a coisa vai bem mais devagar. Eu trabalho aqui como autônoma há 15 anos. Nunca atrasei o pagamento de nada. Sabe o que mudou aqui? Quase nada. Não fazem investimentos de melhorias nas ruas e nas construções. (Entrevistada 19: comerciante ganesa de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

No Ridley Road Market, os preços das mercadorias não são fixos (variável VII), mas sim um dado a ser discutido e negociado na relação entre vendedor e consumidor, dando ao relacionamento com o cliente um tom marcadamente personalizado e informal (variável X). Todos os vinte consumidores entrevistados, dentre britânicos e imigrantes africanos, asseguraram que já negociaram preços com os vendedores no mercado. Três deles relatam suas experiências de negociação de preços:

Tentei comprar uma bolsa naquela loja [fala apontando para a loja]. A vendedora não se mostrou nada interessada em baixar o preço para que eu pudesse comprar. Ela queria me vender [a bolsa] por £30, dizendo que era um produto coreano e que não poderia baixar o preço. Eu não insisti muito, pois o argumento dela parecia fazer sentido. Decidi ir embora e a vendedora veio até mim e em voz baixa disse “posso te vender por 25”. (Entrevistada 2: consumidora inglesa – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Dá para negociar sim, mas há limites. Eu consegui negociar uns tecidos há dois meses depois de certa insistência. Mas só consegui o desconto pois estava comprando em grande quantidade e porque disse ao vendedor que iria recomendar a loja dele para todos os meus amigos. (Entrevistado 8: consumidor inglês – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Sempre que compro aqui, eu negocio. É o único tipo de lugar em Londres onde dá para negociar. Eu aprendi a negociar em Serra Leoa, quando minha mãe mandava eu ir ao mercado comprar fruta e me dava a metade do dinheiro que eu precisaria se fosse comprar tudo que ela queria pelo preço que as vendedoras colocavam. (Entrevistado 5: consumidor serra-leonês – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Embora todos os consumidores entrevistados na pesquisa fossem moradores do bairro, dois comerciantes asseguram que possuem um mercado consumidor mais abrangente:

Vem gente de toda a cidade na minha barraca. Os meus produtos [diversos tipos de alimentos de origem africana, desde os mais frescos até os mais processados] são todos de primeira qualidade. Os melhores que você vai encontrar em Londres. Os melhores que você vai encontrar no Reino Unido. (Entrevistado 13: comerciante nigeriano de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

Conheço gente que vem do sul da cidade comprar aqui. São todos africanos, como nós, e sabem que aqui é um bom lugar para comprar e para encontrar amigos. (Entrevistado 21: comerciante nigeriano de alimentos – tradução do autor a partir de transcrição de gravação)

A abrangência do mercado consumidor também revela os efeitos das estratégias de publicidade (variável XII) adotadas pelos comerciantes do Ridley Road Market. Historicamente, a publicidade nesse tipo de mercado é realizada de forma

direta e oral, com os comerciantes utilizando estratégias tradicionais como os gritos de oferta e a exposição visual dos produtos em suas barracas. Tal prática reflete a dinâmica de mercados de rua, de caráter popular, onde a comunicação é personalizada e voltada para atrair os transeuntes imediatos. No entanto, a crescente competitividade comercial e as transformações urbanas têm incentivado alguns feirantes a adotarem ferramentas modernas – do atual período da globalização – relacionadas às tecnologias informacionais, como o uso de redes sociais e plataformas digitais de baixo custo para divulgar seus produtos.

Esse movimento em direção à tecnologia informacional, embora ainda incipiente, mostra uma tentativa de adaptação às demandas contemporâneas de publicidade e consumo. O uso de *smartphones*, plataformas de redes sociais (como Instagram, Facebook e WhatsApp) e aplicativos de pagamento digital permite a esses comerciantes aumentarem seu alcance para além do mercado físico, fortalecendo sua presença no comércio local. No entanto, a adoção dessas tecnologias ainda é desigual, dependendo do nível de familiaridade do comerciante com ferramentas digitais e do seu acesso a dispositivos eletrônicos. Para muitos, especialmente os mais velhos ou recém-chegados de contextos migratórios, a publicidade permanece centrada em métodos mais tradicionais, como o boca-a-boca e as relações pessoais com os clientes. Essa coexistência de práticas antigas e inovações tecnológicas revela como os feirantes do Ridley Road Market navegam entre a tradição e as possibilidades oferecidas pelas inovações tecnológicas da contemporaneidade.

4. Considerações finais: as paisagens derivadas do Sul no Norte e questões para debates futuros

No atual período da globalização, o Ridley Road Market pode ser compreendido como uma expressão da complexa divisão territorial do trabalho na Inglaterra. Ele evidencia como Londres – um dos principais centros financeiros do mundo – também se configura como uma cidade onde operam atividades econômicas menos capitalizadas, organizadas predominantemente por imigrantes oriundos de países do Sul, especialmente de nações africanas, conforme verificado no mercado de rua analisado neste artigo.

A investigação realizada mostrou que, embora muitos elementos relativos à organização do Ridley Road Market se assemelhem a mercados de rua da África Ocidental – especialmente no que diz respeito aos níveis de capitalização e uso de tecnologia, à organização das tarefas cotidianas, às formas de contratação de mão de obra e às estratégias de publicidade adotadas –, é essencial atentar para variáveis que refletem as particularidades da integração desse mercado na divisão territorial do trabalho na Inglaterra, variáveis que reiteram a necessidade de se construir uma economia política da cidade. Nesse aspecto, destacam-se as relações

que os comerciantes criam com o governo local, bem como os tipos de conexão que estabelecem com as redes econômicas internacionais.

Há de ser notado ainda que, devido à abordagem exploratória adotada, o artigo não se deteve de forma aprofundada no estudo de uma (ou mais) das variáveis propostas por Milton Santos (2004). Interessou neste artigo, a bem da verdade, apresentar uma análise que contemplasse o conjunto amplo de variáveis capazes de caracterizar a organização das atividades econômicas que compõem esse mercado. Ao fazer isso, reconhece-se também um profícuo campo de possibilidades para novos estudos.

Investigações futuras podem aprofundar a análise de variáveis específicas da teoria dos circuitos da economia urbana, como: as relações entre esses comerciantes do Ridley Road Market e as empresas de importação e exportação que os abastecem; as interações entre os comerciantes e as grandes redes varejistas inglesas; as formas de contratação de mão de obra e sua conformidade com a legislação local, entre outras possibilidades.

Em uma evidente manifestação do “Sul no Norte”, as paisagens derivadas africanas nas cidades europeias representam um fértil e promissor campo de investigação, ainda pouco explorado pelos estudos da geografia urbana. Nessa área, as teorias desenvolvidas para interpretar as cidades dos países do Sul – como a teoria dos circuitos da economia urbana, de Milton Santos – possuem um significativo potencial para assumir centralidade na construção metodológica das investigações pretendidas.

Referências

- ALVES, C. N. O circuito rap “indé” em Paris: dinâmicas socioterritoriais e mensagem ultramar. *GEOUSP: Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2016.
- ANTIPON, L. C. *O circuito inferior da economia urbana no centro do município de Campinas: a dimensão do comércio popular*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- BAUMAN, Z. *Globalization: The Human Consequences*. New York: Columbia University Press, 1998.
- BAYCAN-LEVENT, T.; NIJKAMP, P. Determinants of Migrant Entrepreneurship in Europe. *The 45th Congress of the European Regional Science Association*. Amsterdam: ERSA Amsterdam Congress, 2005.
- BICUDO JR., E. C. *O circuito superior marginal: produção de medicamentos e o território brasileiro*. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BLANKSON, C.; OMAR, O. Marketing Practices of African and Caribbean Small Businesses in London, UK. *Qualitative Market Research: An International Journal*, v. 5, n. 2, p. 123-34, 2002.

- CASTELLS, M. *The Rise of the Network Society*. Malden: Blackwell Publishers, 1996.
- COOK, M.; EKWULUGO, F.; FALLON, G. Start up and Motivation Factors in the UK, African and Caribbean SMEs: An Exploratory Study. *4th International Conference of International Academy of African Business & Development*. London, 2003.
- EKWULUGO, F. Entrepreneurship and SMEs in London (UK): Evaluating the Role of Black Africans in This Emergent Sector. *Journal of Management Development*, v. 25, n. 1, 2006.
- FRAGO, L.; MORCUENDE, A.; LLOBERAS, D. Towards a Retailless City? A Comparative Analysis of the Retail Desertification between a Global and a Local Commercial Strips in Barcelona. *Urban Science*, v. 8, n. 3, 2024.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- GERRING, J. What Is a Case Study and What Is It Good for? *American Political Science Review*, v. 98, n. 2, 2004.
- HACKNEY. *Hackney's Heritage*. 2024. Disponível em: <https://hackney.gov.uk/hackney-diversity>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- IAMONTI, V. Z. *O circuito inferior na favela de Heliópolis*. 2009. Trabalho de graduação (Graduação em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- JACOBS, J. *Edge of Empire: Postcolonialism and the City*. London: Routledge, 1996.
- KERSHEN, A. Introduction. In: KERSHEN, A. (Ed.) *London: The Promised Land? The Migration Experience in a Capital City*. Avebury: Aldershot, 1997.
- KITCHING, J.; SMALLBONE, D.; ATHAYDE, R. Ethnic Transnationals and Business Competitiveness: Minority-owned Enterprises in London. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 35, n. 4, 2009.
- LEBLANG, D. Another Link in the Chain: Migrant Networks and International Investment. *Diaspora for Development in Africa*. Washington, D.C.: World Bank, 2011.
- MAMIGONIAN, A. Capitalismo e socialismo em fins do século XX (visão marxista). *Ciência Geográfica*, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 4-9, 2001.
- MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- MONTENEGRO, M. R. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. *Revista Geográfica Venezuelana*, v. 53, p. 147-64, 2012.
- NWANKWO, S. Characterization of Black African Entrepreneurship in the United Kingdom: A Pilot Study. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 12, n. 1, 2005.
- NWANKWO, S.; AKUNURI, J.; MADICHIE, N. Supporting Black Businesses: Narratives of Support Providers in London. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 16, n. 6, 2010.

- OJO, S. Ethnic Enclaves to Diaspora Entrepreneurs: A Critical Appraisal of Black British Africans' Transnational Entrepreneurship in London. *Journal of African Business*, v. 13, n. 2, 2012.
- REINO UNIDO. Census 2021. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/census/maps/choropleth/identity/ethnic-group/ethnic-group-tb-20b/black-black-british-black-welsh-caribbean-or-african-african?lad=E09000012>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital: A Study in International Investment and Labor Flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- _____. *The Global City: New York, London, Tokyo*. New Jersey: Princetown University Press, 1991.
- _____. *Guests and Aliens*. New York: New Press, 1999.
- SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. *Cuadernos del Cendes (Caracas)*, v. 3, n. 57, 2004.
- _____. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. *GEOUSP: Espaço e Tempo*, v. 19, 2015.
- _____. Globalização e urbanização corporativa: manifestações e tendências dos circuitos da economia urbana. In: ARROYO, M.; SILVA, A. M. B. (Orgs.). *Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos*. São Paulo: FFLCH, 2022.
- SORRE, M. *L'homme sur la terre: traité de géographie humaine*. Paris: Librairie Armand Colin, 1961.
- SPOSITO, E. S. O espaço dividido: elementos para discussão. *Revista de Geografia*. São Paulo: Unesp, v. 2, 1983.
- _____. A teoria dos dois circuitos da economia urbana. In: SPOSITO, E. S.; CLAUDINO, G. S. (Orgs.). *Teorias na geografia III: mundos possíveis*. Rio de Janeiro: Consequência, 2023.
- STOLLER, P. *Money Has No Smell: The Africanization of New York City*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.
- UN-DESA. United Nations Department of Economic and Social Affairs. International Migrant Stock 2020: Destination and Origin: International migrant stock at mid-year, both sexes combined. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- _____. Population Division, [s.d.]. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/data-landing-page>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- VANUCCHI, L. V. Novos nexos na economia urbana da cidade de São Paulo: as grandes redes comerciais e suas interferências no circuito inferior. 2009. Trabalho de graduação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Kauê Lopes dos Santos

Professor do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG- Unicamp), com graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), mestrado em Habitat pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e doutorado em Geografia Humana pela FFLCH-USP. Realizou pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE-USP) e foi pesquisador visitante na University of California, Berkeley e na London School of Economics and Political Science.

Email: kauels@unicamp.br

ORCID: 0000-0001-9996-1079

Submissão: 27 de dezembro de 2024.

Aprovação: 12 de março de 2025.

Editores: Maria Encarnação Beltrão Sposito e Everaldo Santos Melazzo.

Como citar: SANTOS, K. L. dos. Paisagens derivadas: imigrantes africanos e os novos arranjos da economia urbana em Londres. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. v. 27, E202536, 2025. DOI: <http://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202536>

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR